

Eu creio em você! Tolerância e Diversidade religiosa (Texto de Apoio)

Crenças e Valores

Pense no seu número favorito. Agora tente pensar em todas as equações matemáticas que podem ser feitas para chegar até ele como resultado. Escreva, se necessário, todas as somas, adições, subtrações, divisões e formulas mágicas que conseguir se lembrar. Como será possível observar, há diversas maneiras de chegar a uma mesma resposta. Além disso, há também diferentes respostas, a depender das perguntas. Tudo isso com números exatos, porque seria diferente com os modos de ver e viver o mundo?

Assim é também com a questão da religiosidade. Diversas religiões possuem pontos convergentes, objetivos similares e ensinamentos

parecidos, porém inseridos em seus próprios universos particulares. Ao mesmo tempo, também existem outras diversas formas de ver o mundo que não passam por nenhuma religião. É preciso reconhecer a validade de todos esses caminhos. A intolerância religiosa funciona como um filtro que diz que apenas uma resposta é correta, e somente uma equação é válida. Mas, a partir de uma rápida reflexão é possível comprovar o quão falha é esta ideia. Pensemos:

Logo que começamos a aprender a falar, já começamos a perguntar sobre tudo. “Porque o céu é azul? Porque as flores têm cheiro? Porque a Terra gira? Porque o sol brilha de dia e não de noite?” A cada pessoa que

perguntarmos, receberemos uma resposta diferente de acordo com o modo com esta pessoa vê e aprendeu o mundo. E nós, logicamente, aceitaremos ou não essa resposta a partir do mesmo processo individual (e coletivo) de ver e aprender. Isso significa que não há uma resposta certa ou errada, apenas aquela que mais faz sentido para o nosso modo de olhar as coisas, acreditar nas coisas, crer.

Crer significa dar crédito a alguma coisa, reconhecer o valor que aquilo tem para nós. Uma crença é, portanto algo que valorizamos por entendermos conter relevância em alguma medida. Mas o que seria o valor? Vamos desdobrar mais sobre isso...

O meu maior tesouro é a minha caixa de memórias. Nela é possível encontrar - dentre muitas outras coisas - papéis de bala, origamis mal dobrados, cacos de objetos quebrados, fitas de tecido coloridas, canetas sem tinta, fotos borradas e conchinhas do mar. Ainda que cada uma dessas coisas possa ter um preço de mercado (seja o produto final ou a matéria prima), pra mim seria impossível estipular um custo total para as que são minhas. Seu valor para mim é inestimável, não pela pura materialidade, mas pela memória e pela história que é acessada a partir daquele objeto. Assim sendo, para mim, aquela caneta sem tinta vale muito mais do que

ELABORADO
POR:

LARA DE PAULA
PASSOS

a mais rara caneta tinteiro do mundo inteiro! Por quê? Porque tem valor e não somente preço.

E pra você, o que não há dinheiro que pague?

A crença pode se apresentar de diversas formas, nos mínimos lugares. É um “Vai com Deus, minha filha”, até uma benção pra curar uma doença, numa simpatia pra atrair dinheiro ou em virar o chinelo pra cima e não passar debaixo de escada. Está no “Amém” depois do “saúde” quando alguém espirra. Está no pedir licença pra entrar na mata. Está no silêncio ao visitar o cemitério. Está na confiança que depositamos no mundo e nas coisas.

Aquilo que acreditamos, temos fé, tem um valor inestimável pra gente. Talvez por motivos aparentes, talvez por razões secretas ou até mesmo

por sentidos que nem sabemos nomear por que. Independente da justificativa, o importante é reconhecer que cada um tem a sua própria caneta sem tinta, e cabe a cada um decidir o que fazer com ela. Pode ser que com o tempo você a abandone, substitua, esqueça ou até mesmo (ops) venda, mas o que está em questão é o seu direito de tê-la e apreciá-la, enquanto fizer sentido para a sua pessoa.

A liberdade religiosa é um direito humano garantido dentro e fora do Brasil, pelo Art. XVIII da declaração universal dos direitos humanos de 1948:

“Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.”

E também o artigo 5º, inciso VI, da Constituição Nacional de 1988:

“É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.”

Trata-se, portanto, de uma matemática simples: a cada indivíduo cabe a liberdade de crer, às demais pessoas o dever de respeitar e aos poderes públicos a obrigação de garantir a dinâmica coesa dessa equação.

Igualdade e equidade

Escutamos cotidianamente sobre a importância da igualdade. Direitos iguais, valores iguais, condições iguais. Mas pensemos um pouco. Usemos o exemplo de duas pessoas, uma no deserto do Saara e uma no Pólo Norte. Faria pouco sentido oferecer às duas roupas iguais, não é mesmo? No entanto, me pareceria justo se fossem dadas às duas a oportunidade de acesso às vestimentas adequadas para cada um dos ambientes. Isso se chama equidade. Equidade é

reconhecer a diferença e a partir dela fazer justiça conforme as particularidades. Vivemos em uma sociedade que tem de um histórico de desigualdade. Não há como apagar o passado, o resultado de uma soma é feito a partir de todas as partes. Assim sendo, como conseguir igualdade em uma balança desregulada? A equidade, por sua vez, pode ser alcançada em qualquer contexto, sendo necessário apenas olhar para as especificidades e reconhecer as

diferenças de lugares, valores e privilégios. Desse jeito, não há uma apagamento das diferenças a fim de nivelar tudo em um único padrão, mas a garantia de uma base justa e fértil onde diferentes coisas possam florescer e crescer de acordo com suas próprias singularidades.

Tendo isso em mente, é importante refletir: há equidade no modo como as diferentes religiões são tratadas na nossa sociedade? As leis de

liberdade religiosa são de fato cumpridas? Padres, pastores, rabinos, monges, mestres, sacerdotisas, ialorixás e pajés têm o mesmo respeito e reconhecimento popular e apoio governamental? Muçulmanos, xintoístas, candomblecistas, católicos, bramanistas, budistas, protestantes, judeus, espíritas, esotéricos, agnósticos, umbandistas, ateus, possuem seus direitos semelhantemente respeitados e valorizados?



Entre a Guerra, a Paz e o pé de Baobá

Milhares de conflitos já foram travados a partir de divergências religiosas ou tiveram esse aspecto usado como argumento. Alguns em maior escala, como as Cruzadas da Inquisição e a caça às bruxas na idade média, a perseguição aos judeus na II Grande Guerra,

a violência entre judeus e muçulmanos no Oriente Médio, a ou mesmo as catequizações forçadas e assassinatos de indígenas e negros no período colonial no Brasil. Porém uma grande parte da intolerância também se apresenta na esfera cotidiana entre indivíduos. Nesse

exato momento, enquanto você lê este texto, alguma pessoa, seja no Brasil ou na Tunísia, pode estar sendo oprimida, menosprezada e até violada pelo simples fato de pensar diferente de alguém. Proferir uma fé que não é respeitada é ser obrigada/o a viver em eterno estado de guerra. Muitos desses conflitos fomentaram ou foram embasados por discursos de uma

falsa busca pela paz, mas, o que seria então essa tal paz? Todos do planeta pensando do mesmo jeito, não por vontade própria, mas por imposições ofensivas e violentas de idéias que não lhes pertencem? Como pode haver paz sem o respeito à diferença? Sem equidade? Se não temos liberdade para pensar, decidir no que acreditar, como podemos dizer que não estamos em

guerra? Olhando a nossa volta podemos ver lutas cotidianas onde o que está em jogo, mais do que o poder sobre um território e outro, um pensamento sobre outro, é a autonomia que é inerente a cada indivíduo e deveria ser garantida pelos demais nas esferas interpessoais e coletivas. O terceiro artigo da Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas em religião ou crença da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1981 versa que

“A discriminação entre seres humanos por motivos de religião ou crença constitui uma ofensa à dignidade humana (...) e deve ser condenada como uma violação dos Direitos Humanos e das liberdades fundamentais, proclamados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.”

Porém, ferir alguém nesse sentido não vai apenas contra leis, tratados, combinados ou códigos de ética e boa conduta.

Trata-se, em última instância, de querer ter controle sobre algo que é em sua essência, livre, indomável. Seria como dizer ao vento para parar de soprar ou o sol para não brilhar de dia. Tente contar seus pensamentos. Todos eles, cada mínima impressão ao longo do dia. Não apenas contá-los, mas direcioná-los. Se sentir frio, comande ao seu corpo que pare, que sinta calor imediatamente. Funcionou? Pois bem, se não temos controle pleno sequer sobre o nosso próprio funcionamento, como seria possível ter controle sobre os outros? Entender que as nossas vontades e os nossos direitos não podem passar por cima dos demais garante uma quebra na corrente de ódio e intolerância, que se praticada por todas e todos pode talvez um dia desdobrar-se num futuro melhor, mais justo e realmente pacífico.

O Baobá é uma das espécies de árvores mais antigas existentes, que possui o tronco mais grosso do mundo e que vive durante muito tempo, alguns chegando a mais de 1000 anos de idade. Produzem sementes grandes e numerosas. Dentro de si armazenam uma quantidade enorme de água, mas, mais ainda, estão recheados de histórias. Imagine viver mais de mil anos, quanta coisa não se deve ver em meio a isso? Eles devem isso às suas raízes, que começaram a brotar dentro de uma semente.

Cada uma das sementes grandes e numerosas que brota dá início a um novo ciclo de resistência e permanência, de histórias que começam pequenas, mas tem a possibilidade de enraizar e durar ao longo de eras. Assim são as pequenas práticas cotidianas de melhoria, sementes vivas em constante crescimento que podem vingar ou morrer antes de brotar, mas que, se cuidadas e bem plantadas podem durar por muito tempo e render resultados frondosos, vistosos e resistentes de cooperação e progresso.

Onde os caminhos se cruzam

É preciso lembrar, no entanto, que ninguém vive dentro de uma bolha, e todos os caminhos que se entrecruzam em nossas vidas influenciam em todas as nossas relações. A quantidade de sol e água, o clima, o solo,

tudo determina o tamanho das raízes. Uma sociedade racista em suas origens automaticamente será mais intolerante a religiões minoritárias oriundas de populações étnicas não dominantes, afinal de contas,

Eu creio em você! Tolerância e Diversidade religiosa

não há como plantar cenouras e colher repolhos. No Brasil não é diferente. Os cultos afro-brasileiros e indígenas são muitas vezes demonizados, apresentados como mentiras ou histórias fictícias de sociedades menos evoluídas. A maior parcelada população, que profere cultos de origem cristã, possui seus direitos de liberdade de culto e expressão garantidos, mas e os demais? Como olhamos para aqueles caminhos que não percorremos, mas que de uma forma ou de outra se cruzam com os nossos? Com desprezo ou respeito? Com pena ou reconhecimento? Com arrogância ou com empatia?

Muitos cultos são interrompidos ou perturbados, objetos depredados e práticas (e pessoas que as praticam) publicamente ofendidas. Terreiros de candomblé e

umbanda são recorrentemente queimados, oferendas são profanadas e imagens são quebradas. Por vezes, as pessoas praticantes têm sua integridade física (e psicológica) ameaçada por aqueles que não respeitam a sacralidade de suas cosmologias. Os cultos de origem indígena também, que como os de matrizes africanas estão sustentados na oralidade e no saber tradicional que passa de uma geração a outra, são profundamente feridos por imposições e catequizações forçadas, ao longo da história até a atualidade.

O artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (prevista na Constituição) determina que a educação religiosa nas escolas públicas deve assegurar “o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil”. Para respeitar a diversidade é preciso conhecê-

la, reconhecê-la, aprender sobre ela. O que sabemos sobre as religiões que não são a nossa própria? Aprendemos por meio de terceiros ou a partir do olhar de pessoas que de fato as praticam? Muitas vezes reproduzimos preconceitos inconscientemente, e nos deixamos levar pelo medo que vem não daquilo que as pessoas praticam, mas do que nós pensamos que elas praticam. O quanto aberto estamos para saber mais sobre aquelas pessoas que pensam diferente de nós?

Contam os dizeres de um mito de raiz africana passado através da tradição oral até os dias de hoje que, no início de tudo existia uma única verdade no mundo. Apenas um grande espelho separava o mundo espiritual (Orun) e o mundo que vivemos (Aiyê). Tudo o que estava no primeiro plano era igualmente refletido no segundo, e ninguém

precisava se questionar, pois o espelho da Verdade garantia que tudo estivesse à vista. Porém, um dia, uma jovem acidentalmente quebrou o espelho, que se espatifou em infinitos pedaços pelo Aiyê. A jovem ficou muito preocupada e foi falar diretamente com a energia suprema (Olorum) para pedir desculpas sobre o acontecido. Olorum então ouviu as desculpas mas não alarmou-se, declarando que dali em diante não haveria mais uma verdade única, pois, quem encontrasse um pedaço do espelho em qualquer parte do mundo já saberia que estava encontrando apenas uma parte da verdade, tendo em vista que o espelho reflete apenas a imagem do lugar em que se encontra¹.

¹ Conto presente na obra: Rezende Jr, R. J., Couto, F. D. L. R., Seidel, D., & Souza, C. G. (2004). *Diversidade religiosa e direitos humanos*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

Porque não aprendermos a valorizar cada fragmento de verdade em sua essência, sem precisar atacar e agredir as outras formas de refletir o mundo?

Eu acredito em você (e na sua semente)

Como construir um caminho mais justo que leve ao bem estar de cada pessoa e o respeito na coletividade? Na minha opinião, é dando o braço a torcer. Se abrindo pro mundo, espiando para além do nosso fragmento de espelho. Ouça, aprenda, pergunte, pesquise, se informe e se importe. Olhe jardim do vizinho sem medo ou vaidade. Pode ser que você encontre coisas que jamais imaginaria.

Em um mundo cheio de tanta intolerância e caminhando a passos lentos, é difícil acreditar em uma mudança concreta, em alguma coisa para melhor. Crer, no que quer que seja, é sempre um desafio. Chegando até aqui só posso dizer que creio em você. No seu potencial de mudar o mundo, na sua capacidade de respeitar os demais seres, na sua força interna que pode ser convertida em mais energia boa e ações positivas e construtivas por esse mundo afora. Creio na sua capacidade de perceber quando algo não está certo e precisa ser melhorado, e também quando algo é diferente, mas deve ser respeitado e não violado. Creio no que pode haver dentro da sua semente, independente de onde ela vem, e nos bons frutos que ela pode gerar quando enraizar. Creio na sua capacidade de crer, seja nas mesmas coisas ou em algo diferente de mim, e principalmente na sua capacidade de entender que o mundo pode ser visto de muitas lentes, mudando em tudo a depender da nossa forma de olhar.

BRAZIL, & BRAZIL. CONGRESSO NACIONAL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. (2003). CONSTITUIÇÃO 1988 (VOL. 31). CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO, COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES.

FLEURI, R. M., HARDT, L. S., OLIVEIRA, L. B. D., RISKE-KOCH, S., & CECCHETTI, E. (2013). DIVERSIDADE RELIGIOSA E DIREITOS HUMANOS: CONHECER, RESPEITAR E CONVIVER. BLUMENAU: EDIFURB.

HUMANOS, DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS. DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. ACESSO EM, V. 13, 2015.

REZENDE JR, R. J, COUTO, F. D. L. R., SEIDEL, D., & SOUZA, C. G. (2004). DIVERSIDADE RELIGIOSA E DIREITOS HUMANOS. SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS.

Realização



Financiamento

